

Cimi protesta contra mudança de colonos

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

O Cimi — Conselho Indigenista Missionário —, por meio do seu Secretariado Nacional e Regional Sul, protestou ontem contra a transferência dos colonos expulsos da reserva indígena de Nonoai para o Mato Grosso. O Cimi qualificou de "deportação" a mudança dos colonos para o "inferno verde" de Mato Grosso.

Também em apoio aos colonos será realizada hoje uma manifestação pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, promovida pelos DCEs da Fuce UFRGS, diretórios acadêmicos de várias faculdades e pelos setores jovem e trabalhista do MDB gaúcho, pedindo a permanência dos colonos de Nonoai no Estado. O Cimi, além de dar apoio aos colonos e defender os índios de Nonoai, em uma nota divulgada ontem, também criticou o cardeal-arcebispo de Porto Alegre, d. Vicente Scherer. O cardeal pronunciou-se contra os índios que expulsaram os colonos, mas, para o Cimi, as acusações de d. Vicente Scherer são "infundadas".

Tomando posição contra a transferência, as

entidades promotoras do ato público, a ser realizado na Assembleia, distribuíram igualmente uma nota, na qual pedem "terra para quem trabalha".

"A solução encontrada pelo governo — diz a nota — foi reprimir, e todas as formas de coação são usadas para obrigar esses colonos a se entregarem nas mãos de um feitor de escravos, dirigente de uma cooperativa em Mato Grosso". E acrescenta que, "para defender os latifúndios improdutivos ou suas próprias terras, que nada produzem, o governo procura uma solução contrária aos interesses dos colonos, assim como havia anteriormente arrendado terras dos índios para eles".

CRÍTICAS

Por sua vez, o Cimi faz um histórico sobre as interferências nas terras dos kaingangues, por meio de grilagens, arrendamentos autorizados pelo governo; derrubada de pinheiros, incentivada pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) e Funai; e início de uma reforma agrária entre 1960 e 1964 que, "na prática, só atingiu áreas indígenas".

No Parque Estadual de Esteio, embora dez crianças,

filhos de colonos estejam hospitalizadas, com pneumonia, 53 famílias que concordaram com a mudança para Mato Grosso prepararam-se para a viagem de 3.400 quilômetros, a ser iniciada depois de amanhã. Os médicos que atendem os colonos garantiram, porém, que as crianças poderão viajar. Para os colonos que preferem ficar no Rio Grande do Sul ainda não há solução.

Os colonos que aceitaram a transferência estão recebendo instruções de assistentes sociais, sobre a mudança, e sendo submetidos a novos exames médicos. Cada família poderá carregar 50 quilos de bagagem nos ônibus que farão o transporte a Mato Grosso, e os que possuem equipamentos agrícolas deverão transportá-los em caminhões que acompanharão a caravana.

Após a partida das 53 famílias, serão abertas novamente as inscrições para os que resolveram mudar-se para Mato Grosso. Embora muitos colonos tenham declarado que preferem ficar no Rio Grande do Sul, o governador Sinal Guazzelli disse em Brasília que não há terras disponíveis no Estado.